

Foz C6a:

Inscrita na Pedra

Preservação das Gravuras

História de Foz C6a

Universidade

Valores Simbólicos

Notas e Comentários

Ciência

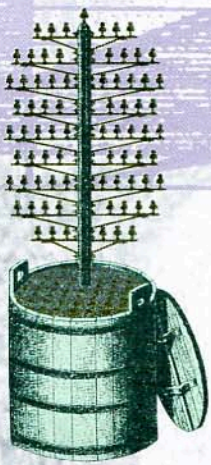
Tecnologia do Mar

Arquitetura

MicroStamps

U N I V E R S I D A D E D O P O R T O

Boletim



Ficha Técnica

Director
Alberto Amaral,
Reitor da Universidade do Porto

Sub-Directora
Prof.ª Teresa Lago (FCUP)

Coordenação Editorial e Redacção
Maria Isabel Pacheco (coordenadora)
Paulo Gusmão Guedes (coordenador adjunto)

Conselho editorial
Prof. Alexandre Alves Costa (FAUP),
Prof. Arnaldo Saraiva (FLUP),
Prof. Jorge Olímpio Bento (FCDEF),
Prof. José Madureira Pinto (FEP),
Prof. Manuel Sobrinho Simões (FMUP),
Prof. Paulo Tavares de Castro (FEUP).

Coordenador do número
Alberto Amaral

Arranjo Gráfico
Incomun

Fotografia
Duarte Belo; pp. 12-15, cortesia do Plano Arqueológico do Côa; p. 44, cortesia da Câmara Municipal de Matosinhos; p. 48, cortesia do Museu de Ciência da UP.

O Boletim agradece o apoio da Associação Projecto Património.
Os desenhos de António Quadros são uma cortesia de José Forjaz.

Colaboradores neste número
Agostinho Álvares Ribeiro, António Manuel Figueiredo, António M. Galopim de Carvalho, António de Sousa Pedrosa, Carlos A. Brochado de Almeida, Cesário de Matos, Francisco Ribeiro da Silva, Gaspar Martins Pereira, Joaquim Moreno, José Forjaz, José Mattoso, Jorge Figueira, Luís Aires-Barros, Luís Miguel Duarte, Maria Angeles Querol, Maria Ondina Figueiredo, Nelson Rebanda, Rui M. V. Cortes, Vitor Oliveira Jorge.

Publicação periódica
nº 25 - Ano V, 1/Junho 1995

Propriedade:
Fundação Gomes Teixeira

Redacção:
Rua D. Manuel II - 4003 Porto Codex
Telf. 6004981 (ext. 32)
Telefax 6001724

Registo na D.G.C.S.: 114891
Depósito legal: 41283/90

ISSN: 0871-7249

Tiragem: 7.000 exemplares

Preço por número: 500\$00
Assinatura anual (4 números): 2.000\$00

Execução gráfica:
Edições Afrontamento, Lda
R. Costa Cabral, 859 - 4200 Porto

É proibida a reprodução de artigos, gráficos ou fotografias sem a autorização escrita do Director.

Sumário

- 2 **Editorial**
- Painel**
"Foz Côa - Inscrita na Pedra"
- 5 **Côa: Cosmos ou Caos?**
Vitor Oliveira Jorge
- 11 **Barragem de Vila Nova de Foz Côa**
Os Trabalhos Arqueológicos e o Complexo de Arte Rupestre
Nelson Rebanda
- 17 **Foz-Côa**
Portugal e a gestão global da água na bacia nacional do Douro
A. Álvares Ribeiro
- 21 **A Preservação das Gravuras: 2 depoimentos, 4 pareceres**
Reflexões sobre os estudos para preservação das gravuras rupestres do Côa, *Luís Aires-Barros (21)*
Considerações sobre a preservação das gravuras rupestres do Côa, *Maria Ondina Figueiredo (24)*
Parecer 1, *António M. Galopim de Carvalho (25)*
Parecer 2, *Departamento de Minas da FEUP (25)*
Parecer 3, *Rui M. V. Cortes (26)*
Parecer 4, *António de Sousa Pedrosa (26)*
- 27 **Fragmentos da História de Foz Côa**
Aspectos da Idade do Ferro e da Romanização na Bacia Inferior do Rio Côa
Carlos A. Brochado de Almeida (27)
Ribacôa na Idade Média: quando o fim do mundo era 'centro do mundo'
Luís Miguel Duarte (29)
Vila Nova de Foz Côa na Época Moderna
Francisco Ribeiro da Silva (30)
Notas para a História Contemporânea de Foz Côa
Gaspar Martins Pereira (33)
- 37 **Uma Digressão Intimista e Amarga pelas Oportunidades de Desenvolvimento de Trás-os-Montes e Alto Douro ou a Perversão Exemplar do Processo das Gravuras Rupestres do Côa**
António Manuel Figueiredo
- 42 **Universidade**
Valores Simbólicos, *José Mattoso (42)*
La Foz del Côa, marco perfecto para un parque cultural, *M. Angeles Querol (43)*
- 44 **Notas e Comentários**
Centro de Ciências e Tecnologias do Mar (44)
António Quadros, Professor, *José Forjaz (46)*
3 textos sobre António Quadros: *Jorge Figueira, Joaquim Moreno, Cesário de Matos (48)*
MicroScapes (48)

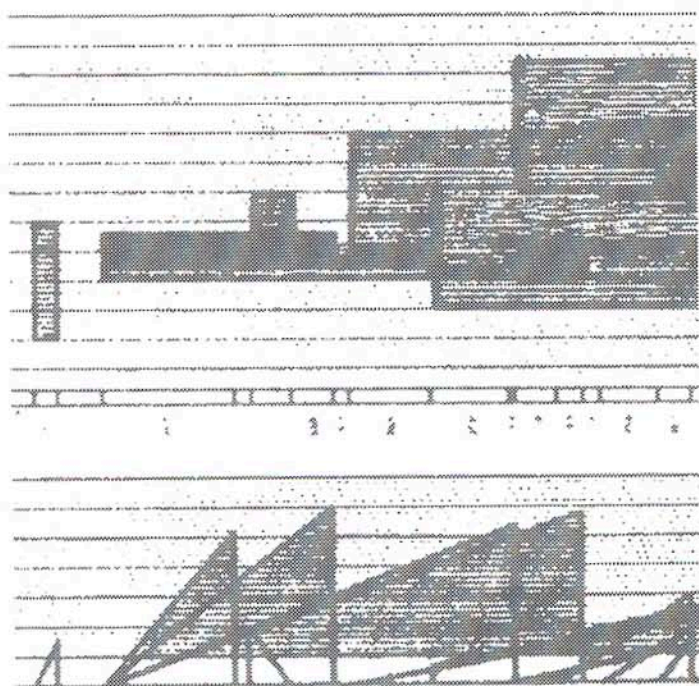
Notas para a História Contemporânea de Foz Côa

Gaspar Martins Pereira

Terra de mercados

Em finais do século XVIII, Foz Côa, ponto estratégico de passagem entre as terras da Beira e Trás-os-Montes, na proximidade do Pocinho, mantinha o seu tradicional dinamismo de vila mercantil. «O que falta na cultura da terra, excede no comércio, em que são destros e aplicados os moradores de Vila Nova, quase todo fora da pátria, e algum avultado», escrevia então o ex-pároco de Cedovim, D. Joaquim de Azevedo (1). Poucos anos depois, o testemunho de José Acúrcio das Neves atribuía mesmo a Foz Côa a importância de centro redistribuidor intra-regional: «Vila Nova é a terra de maior povoação da Comarca de Trancoso, e uma das mais ricas da Beira Alta, pelo muito comércio que ali se faz, tanto em sedas, como em bacalhau, arroz e outros géneros e comestíveis, que por aquele ponto se distribuem pelas terras comarcãs de Portugal e Espanha: oferece-lhe esta vantagem a sua posição junto ao Douro, que é navegável até às suas vizinhanças em uma grande parte do ano, ajudada pela indústria dos seus habitantes» (2). Apesar de já destruído o Cachão da Valeira, em 1792, o que permitiu alargar a navegabilidade do Douro até Barca de Alva, as relações com o Porto mantinham-se distantes. Como em todo o Douro Superior, o sistema de relações continuava a privilegiar aqui os laços tradicionais transfronteiriços e as ligações Norte-Sul.

Nada fazia adivinhar, há dois séculos, a actual vocação vinhateira de Foz Côa («o vinho é pouco, e se gasta até janeiro», referia D. Joaquim de Azevedo (3)). Em contrapartida, a terra produzia, mesmo com técnicas rotineiras, cereais em abundância (trigo, centeio e cevada) (4). Os montes e encostas menos propícios à cerealicultura cobriam-se de amendoeiras e de sumagrais espontâneos. A produção de pó de sumagre, que em muitas zonas do Douro desaparecera com o alastrar do vinhedo, continuaria a fazer-se em Foz Côa, exportando-se várias dezenas de toneladas para as tinturarias e curtumes do Porto e outras terras (5). Por toda a área do actual concelho, desenvolvia-se a cultura da oliveira e a criação de gado, sobretudo lanígero. A extensão dos terrenos baldios e pastos comuns garantia até aos mais pobres a actividade pastoril. A produção artesanal era ainda significativa, destacando-se a seda e as lãs, se bem que as outrora importantes indústrias de atanados, curtumes, cordoaria e cordovões tivessem já decaído.



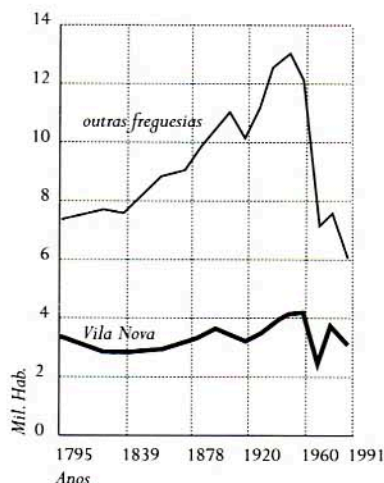
(1) AZEVEDO, D. Joaquim de, *Historia eclesiástica da cidade e bispado de Lamego escrita por... e continuada por um cônego da Sé de Lamego*. Porto, Tip. do Jornal do Porto, 1877, p. 192.

(2) NEVES, José Acúrcio das, *História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração deste Reino*, (1810), in *Obras Completas de José Acúrcio das Neves*, vol. 2, Porto, Alfontamento, s/d, p. 303.

(3) AZEVEDO, D. Joaquim de, *ob. cit.*, p. 192.

(4) *Idem, ibidem*: «O território é por extremo fértil, e seria riquíssimo se a indústria do cultivador o favorecesse».

(5) Em finais do século XIX, produz-se aqui uma média de 60 toneladas de sumagre por ano. Cf. CABRAL, Afonso do Vale Coelho Pereira, *A região vinhateira do Alto Douro, desde a Barca d'Alva até ao Cachão da Valeira*, "Boletim da Direcção Geral de Agricultura", 6º ano, nº 3, 1895, p. 474-475.



Intolerância e crise

Na primeira metade do século XIX, Foz Côa viveu tempos de instabilidade, agitação, intolerância e ódios políticos. Em 1808, no quadro dos movimentos populares que sucederam à expulsão dos franceses, seriam perseguidas muitas das famílias de negociantes de Foz Côa, descendentes de cristãos-novos e acusadas de manterem cumplicidade com os invasores.

Vinte e tal casas, das mais ricas da vila, foram saqueadas e destruídas por tumultos populares que se formaram «ao toque dos sinos» e instigados por «certos homens prepotentes», aos gritos de «morram os franceses, e os judeus que os protegem» (6). Muitos fugiram da vila, alguns para Moncorvo (o que provocaria uma autêntica guerra entre as duas vilas fronteiras) e nunca mais regressaram. Não menos violenta foi a perseguição miguelista aos liberais, desde os anos vinte, e, depois, na década seguinte, a vingança dos últimos. Os confrontos entre setembristas e cartistas revestiram-se aqui de particular dramatismo, envolvendo algumas das famílias gradas da terra, como os Campos e os Marçais. Multiplicaram-se episódios de agressões, assassinatos, incêndios de casas (7)...

Entre finais do século XVIII e 1826, a vila terá perdido umas 150 famílias. Continuará a perder gente até meados do século. Só depois, no período da Regeneração, a vida regressaria lentamente à normalidade, não sem que se verificasse a irrupção momentânea de alguns episódios violentos, como o motim anti-fiscal de 1863, que destruiu o edifício da Fazenda, ou as lutas

eleitorais de 1876, em que foram incendiadas várias casas. Outras vezes, são as calamidades naturais que afligem a população de Foz Côa. A escassez de água potável na vila e as péssimas colheitas de 1854 a 1856 conjugaram-se aqui com a grande epidemia de cólera que vitimou, em 1855, centenas de pessoas.

A vila de Foz Côa só recuperaria os níveis demográficos de finais do século XVIII (cerca de 3500 habitantes) por volta de 1890-1900. O mesmo aconteceria a outro centro de poder municipal, Freixo de Numão, cuja população diminuiu de forma acentuada na primeira metade do século XIX. Em contrapartida, no mesmo período, cresceram todas as outras povoações do actual concelho. As terras a leste do Côa quase duplicaram a população (8).

O alargamento da área do concelho

Apesar disso, as reformas administrativas do liberalismo vieram beneficiar o concelho de Vila Nova de Foz Côa, que acabaria por integrar todas as outras unidades municipais limítrofes, chegando mesmo a ultrapassar os limites actuais. Até 1836, o concelho de Foz Côa abrangia apenas a freguesia da vila. Nesse ano, foi-lhe anexado o concelho de Muxagata. Em 1853, integrou o vasto concelho de Freixo de Numão, que incluía as freguesias dos extintos municípios de Cedovim e Touça (anexados a Freixo em 1836) e as freguesias de Mós, Custóias, Horta, Murça, Numão, Freixo de Numão, Sebadelhe, Seixas e Vale de Boi (actual Santo Amaro). Finalmente, em 1855, integrará não só as freguesias de Chãs e Santa Comba (anteriormente pertencentes ao concelho de Marialva), mas ainda os concelhos de Almendra (que incluía as freguesias de Castelo Melhor e Almendra) e Marialva, que passará para a Meda em 1872.

O alastrar da viticultura

O concelho de Vila Nova de Foz Côa não é, como aliás todo o Douro Superior, uma área tradicional de grandes vinhedos. De facto, a demarcação pombalina excluía todo o território a montante do Cachão da Valeira. Mesmo depois de 1792, destruída a cachoeira que impedia a navegação dos rabelos para cá do Tua, a passagem não se fazia sem sobressaltos. Apesar disso, alguns comerciantes, como António Bernardo de Brito e Cunha ou António Bernardo Ferreira, investiram nesta área desde o primeiro quartel do século XIX, aproveitando o afrouxar do poder da velha Companhia das Vinhas do Alto Douro. Introduzidos clandestinamente na região demarcada (só o Vesúvio produzia, em 1838, 561 pipas (9)), estes vinhos depressa se tornaram

(6) NEVES, *ob. cit.*, p. 304.

(7) Cf. FERREIRA, Pedro Augusto, *Vila Nova de Foz Côa*, in LEAL, Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. XI, Lisboa, 1886, p. 829-849; COSTA, Sousa, *Páginas de Sangue. Brandões, Marçais & C.*, Lisboa, Ed. Portugal-Brasil, 1919; MARÇAL, Rafael, *Os Marçais de Foz Côa*, Lisboa, 1934.

(8) Para os dados demográficos, entre 1864 e 1991, cf. os *Recenseamentos da População* respectivos. Para o período anterior, consulte-se: AZEVEDO, D. Joaquim de, *ob. cit.*; as *Instruções... para as eleições de deputados às Cortes de 1826*, Lisboa, Imprensa Régia, 1826; o *Mapa estatístico das congruas dos parochos e coadjutores das freguezias do Continente do Reino, 1839-1840*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1841; diversos *Diários do Governo* (consultámos o de 1845, n.º 108); e os *Relatórios dos Governadores Civis à Junta Geral do Distrito da Guarda, 1856 e seguintes*.

(9) LIDDELL, Alex, e PRICE, Janet, *As Quintas do Vinho do Porto*, Lisboa, Quetzal, 1992, p. 238.

reputados no mercado inglês. Porém, o alastrar do vinhedo será bastante lento. Ainda por volta de 1865 toda a produção do concelho de Foz Côa não ultrapassava as 1400 pipas (10). Só depois da invasão da filoxera na área demarcada tradicional, nos anos sessenta e setenta do século passado, num período de liberdade comercial, é que se assistiria à expansão em grande da viticultura em todo o Douro Superior. Foz Côa assumirá então um lugar de relevo na nova carta vitícola regional. Em 1882, a produção elevava-se já a quase 6 mil pipas, vendendo-se a preços elevados. Entretanto, a partir de 1879, a filoxera começara também a devastar os vinhedos de Foz Côa, de tal forma que, em 1884, a produção caíra para cerca de 160 pipas (11). Como por todo o Douro, procurou combater-se o insecto que destruíra as videiras recorrendo ao sulfureto de carbono e, depois, aos porta-enxertos americanos. Fizeram-se novas plantações. A construção da linha do Douro, que chegará à fronteira em 1887, viria reforçar a importância de Foz Côa (12) e facilitar a ligação ao Porto, contribuindo também para um melhor escoamento dos vinhos da região. Em 1892, produzia-se cerca de 4100 pipas. Entre todas as quintas que surgiram nessa época sobressaía a do Vale Meão, fundada pela «Ferreirinha». Com cerca de 600 hectares comprados, entre 1877 e 1879, em hasta pública ao concelho — eram várias lezenas de parcelas baldias — a quinta chegou a empregar mais de mil trabalhadores diários na plantação, que se iniciou em 1887 e só foi concluída em 1896, ano da morte de D. Antónia.

No início do século XX, com as demarcações de 1907 e 1908, Foz Côa passou a integrar a região produtora de vinho do Porto. Mas, em 1912, com 331 vinhas registadas, produzia pouco mais de 1800 pipas de vinho (13). Só mais tarde recuperará os níveis do início dos anos oitenta do século XIX (cerca de 6 mil pipas, por volta de 1945; quase 8 mil pipas, em 1970). Hoje,

Foz Côa, com todas as suas 17 freguesias integradas na Região Demarcada do Douro, contribui para uma parte significativa da produção, quer de «vinhos do Porto», quer de vinhos com a denominação de origem «Douro». O concelho integra algumas das mais importantes quintas da região, que se destacam pelos seus vinhos de grande qualidade. Desde 1953, produz-se aqui, na Quinta do Vale Meão, em anos e condições excepcionais, segundo o processo concebido por Nicolau de Almeida, o mais célebre vinho de mesa português — o «Barca Velha». A partir de finais da década de cinquenta, as cooperativas agrícolas do concelho virão dar um impulso decisivo à viticultura. E, mais recentemente, desde os anos setenta, a vasta exploração cerealífera da Quinta de Santa Maria (hoje Ervamoira), entre Chãs e Muxagata, foi substituída por vinhedos, organizados de maneira exemplar, tanto na escolha dos terrenos, como na armação das vinhas (plântio vertical), na selecção de castas (5 castas, por blocos), na mecanização de diversas operações de granjeio e enológicas. O resultado alcançado é um rendimento excepcional, com custos menores que na generalidade das explorações vitícolas durienses, e simultaneamente uma elevada qualidade desses vinhos.

O refluxo demográfico recente

Na história recente do concelho, o fenómeno mais relevante é a dramática perda de gente, que continua a debandar para a França, para a Suíça, para os arrabaldes do Porto ou de Lisboa.

Entre finais do século XIX e a I Guerra Mundial, muitos fozcoenses trocaram a terra pelo Porto ou pelo Brasil. A travagem posterior deste fluxo migratório não traria resultados imediatos ao nível dos efectivos demográficos do concelho, já que as epide-



Castelo Melhor, vista a partir do castelo



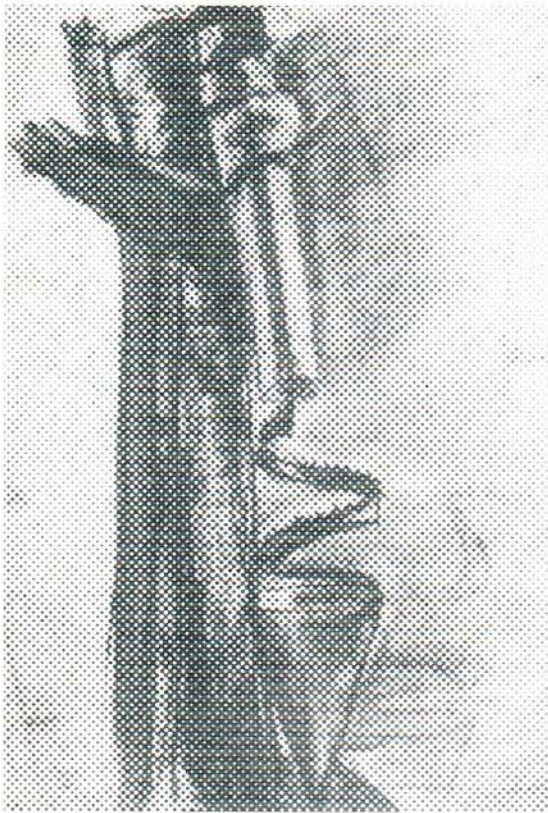
Vila Nova de Foz Côa, Igreja Matriz

(10) Relatório do Governador Civil à Junta Geral do Distrito da Guarda, 1865.

(11) Anuário Estatístico de Portugal, anos de 1884 e 1892.

(12) Já no nosso século, a construção da linha do Sabor, entre 1911 e 1938, ligando o Pocinho a Duas Igrejas (entretanto desactivada em finais da década de setenta), viria reforçar ainda mais a importância ferroviária do Pocinho.

(13) Comissão de Viticultura da Região Duriense, Relatório da Comissão Executiva do ano de 1914, "Boletim da Direcção Geral da Agricultura", Lisboa, Imprensa Nacional, 1917.



mias do pós-guerra, em particular a gripe pneumónica de 1918, viriam então a revelar-se muito mortíferas (14). Só depois, entre 1920 e 1950, se assistiria a um crescimento nítido da população. Porém, nas décadas seguintes, com as saídas de colonos e soldados para África e de emigrantes para o Brasil e, depois, para a Europa, a tendência inverte-se, verificando-se um esvaziamento progressivo do concelho. A retracção demográfica da década de sessenta rondaria os 39%. Nos anos setenta, o regresso de muitos fozcoenses à terra-natal parecia querer contrariar essa tendência, mas os dados do recenseamento de 1991 revelaram afinal que o despovoamento continuara nos anos oitenta, apesar da construção de algumas infraestruturas assinaláveis (a barragem do Pocinho, estradas, edifícios públicos, etc.). De 17116 habitantes em 1950, a população do concelho passou para 8885, em 1991. A vila, se bem que tenha também perdido uma parte significativa da sua população no mesmo período (passou de 4120 para 2974 habitantes), aumentou o seu peso relativo face ao conjunto do concelho (de 24 para 33%).

O despovoamento das aldeias coincide, assim, com o abandono da agricultura e uma terciarização desajustada à realidade socioeconómica local. Com uma fraca taxa de actividade, com cerca de 40% da população adulta a viver de subsídios ou pensões de segurança social, o sector terciário ocupa 42,5% da população activa.

Outros indicadores revelam uma situação não menos preocupante. Cerca de 22% da população com mais de 15 anos não sabe ler nem escrever. O envelhecimento dos efectivos demográficos — uma percentagem de velhos que atinge quase um terço da população, o esvaziamento dos grupos etários correspondentes ao período da grande vaga emigratória dos anos sessenta e o nítido recuo da natalidade — só parece compensado com um peso relativo importante dos jovens nascidos na década de setenta e inícios da de oitenta, que hoje têm entre 10 e 19 anos. São os jovens estudantes do ensino básico e secundário de Foz Côa. Queiramos ou não, o futuro depende deles.

Anos	Pop. com menos de 15 anos (%)	População 15-59 anos (%)	Pop. com 60 anos e mais (%)
1970	24,7	49,7	24,7
1981	22,9	54,3	22,8
1991	17,0	50,8	32,2

Maia/Covas do Douro, Abril de 1995

(14) COIXÃO, António N. de Sá, e TRABULO, António A. Rodrigues, *A Primeira República no concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1993, p. 217 e 221.

O autor é Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Coordenador do GEHVID - Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto (JNICT/FLUP).